

# Processo de Produção e Condições Subjetivas de Trabalho

Graziela de Oliveira

Prof. Adjunto do Mestrado de Economia da UFPB

## INTRODUÇÃO

No. que transforma a natureza, no processo de produção e reprodução de suas condições materiais de vida, o homem transforma a sua própria natureza.

O tipo de transformação imprimida à natureza do homem é condicionado pelas relações de produção e pelas forças produtivas que caracterizam o processo de produção social considerado. O que o homem é, coincide com o que ele produz e como produz (cf. Marx/Engels, 1979 : 28).

Na sociedade capitalista, a produção pressupõe a contraposição ao trabalhador das condições objetivas de trabalho. O trabalhador é submetido a condições de trabalho que aceleram e antecipam o desgaste de sua força de trabalho. O trabalho industrial capitalista, dadas as relações de interesse que o impulsiona-nos níveis econômico, social e político —, é organizado de tal forma que, em lugar de ser ajustado às condições psico-físicas do trabalhador, ao contrário, tenta adaptar o trabalhador às condições de trabalho.

O trabalho industrial capitalista, no que submete o trabalhador à produção do lucro e aos interesses político-sociais da classe capitalista, transforma-o numa peça das condições de trabalho. Esta é a condição geral de trabalho para a classe trabalhadora. Como se manifestam, porém, as condições de trabalho no trabalhador singular?

## ARRAZOADO METODOLÓGICO

Através do materialismo histórico, Marx nos legou um referencial metodológico que nos permite desvendar a essência do homem, ou o complexo de relações sociais no qual está envolvido.

Marx estuda o homem concreto, enquanto membro de uma determinada classe social. O homem concreto, é resultado de múltiplas determinações, enraizadas na estrutura econômica da sociedade.

O homem não é apenas resultado; ele também é produtor das relações que mantém. Ele é um sujeito-objeto complexo e sua complexidade reside no fato dele encerrar diversas essências que se imbricam e entram em conflito (Lefebvre 1972: 168).

As relações sociais que envolvem o indivíduo não se esgotam na base econômica. Além das relações sociais de produção que definem a posição do indivíduo na sociedade (em relação à propriedade dos bens de produção), o indivíduo desenvolve outras relações sociais que extrapolam a esfera do econômico, já que a atividade humana não se reduz ao mundo econômico.

Por constituir uma unidade indivisível, o homem, sujeito-objeto, não pode ser considerado ora como sujeito, ora como objeto, porque ele é sujeito e objeto ao mesmo tempo. O ser humano é uma totalidade e a manifestação sociológica ou psicológica desta totalidade representa somente uma das manifestações da sua essência. A manifestação fenomênica sociológica ou psicológica é, contudo, dependente da essência, que é a totalidade das relações sociais, e está em relação dialética com ela.

Entre a produção e as várias formas de manifestação das relações sociais há diversas formas de mediação. A análise destas manifestações deve, portanto, desvendar estas mediações para, como diz Sartre, compreender “o processo que produz a pessoa e seu produto no interior de uma classe e de uma sociedade dada, num momento histórico dado” (Sartre 1972: 50).

As ciências sociais não-marxistas ocupam-se das manifestações fenomênicas, sem analisá-las em suas relações com a base material de produção. Partindo da concepção do indivíduo isolado, ocupam-se com sistemas e subsistemas sociais, papéis e posições dos indivíduos, sistemas simbólicos e interacionistas, baseadas numa metodologia empirista.

Sistemas sociais são, contudo, realizações das relações sociais de produção. As relações sociais não são “um dado”, mas realizam-se através de atividades sociais regulares. Por seu turno, os sistemas sociais tampouco são um elemento estático, mas constituem-se mediante relações sociais de produção (cf. Tjaden, 1973 : 69).

O materialismo dialético requer níveis de mediação que lhe permitam passar das determinações gerais e abstratas a certos traços do indivíduo singular (cf. Sartre 1972 : 54). Segundo Sartre, a estrutura de determinada família é uma singularização da estrutura familiar própria de determinada classe; a família singular é a mediação entre a classe universal e o indivíduo (ibid, 54-55). Além das relações de produção o indivíduo está imbricado em outras relações sociais que o reenviam ao conflito das relações de classe. Sartre:

“A pessoa vive e conhece mais ou menos claramente sua condição através de sua pertinência a grupos. A maioria destes grupos são locais, definidos, imediatamente dados. É claro, com efeito, que o operário de fábrica sofre a pressão de seu “grupo de produção”; mas ... está igualmente submetido à pressão de seu “grupo de habitação”. Ora, tais grupos exercem ações diversas sobre seus membros;” ... (1972 : 58).

O subsistema família funciona como mediação entre o geral e o singular. Através do materialismo histórico torna-se possível situar os resultados da pesquisa empírica em sua materialidade, independente da consciência e da vontade humanas.

Se, portanto, fazemos uso de categorias metodológicas oriundas das ciências sociais burguesas (papéis, interação, posição, etc) é porque o materialismo histórico é capaz de inserir os fenômenos estudados por estas categorias numa visão histórico-dialética, esclarecendo que elas não existem isoladas na base material que as suporta.

No processo de produção, as relações entre os homens são permeadas de interpretações através de imaginações e suposições da situação de trabalho, ou seja, relações sociais são mantidas em interacionismo simbólico. As relações interacionistas têm a função integrativa social, ou seja, de contato entre os indivíduos. As relações sociais de produção se concretizam em subsistemas, nas dimensões operativo-cooperativa e interpretativo-comunicativa (cf. Tjaden 1973 : 64). As interações sociais são portanto a forma de expressão e de realização das relações sociais de produção. Empiricamente, como diria Merton, estas relações sociais se manifestam como sistema de ação.

As relações sociais de produção se realizam através de atividades sociais regulares; sistemas sociais são constituídos por relações sociais de produção. No processo de produção, a apropriação do trabalho, a exploração da mais-valia, ocorrem como relações simbólico-interacionistas, nas dimensões cooperativo-operativas e interpretativo-comunicativas. Este processo de interação social, no qual se desenvolvem as relações de produção inclui padrões específicos de papéis e posições dos indivíduos nele participantes.

A economia política requer a mediação de outras disciplinas para chegar ao indivíduo concreto. Ela sozinha é insuficiente para explicar as influências do trabalho sobre o trabalhador singular. Neste artigo, pretendemos provocar discussão em torno da questão metodológica. O nosso interesse no indivíduo concreto centra-se apenas nos determinantes econômico-sociais de suas reações psico-emocionais ao processo de trabalho e não no estudo da personalidade, tarefa esta reservada à psicologia.

A personalidade do indivíduo é consequência de suas relações com o mundo que o cerca e uma consequência social, uma vez que o indivíduo só existe através do trabalho (mesmo que do trabalho alheio) e em relação com a sociedade. As condições de sua integração na sociedade, sua socialização portanto, possui uma base material, que é revelada pela economia política. Como afirma Lefebvre, o indivíduo mantém relações sociais de caráter diverso. Com sua família, por exemplo, ele mantém relações que não são técnicas nem econômicas; as relações entre grupos, entre indivíduo e família, não podem ser separadas da base econômica que as determina, mas também não podem ser reduzidas às condições econômicas, pois possuem sua realidade própria (1971 : 174). Destas relações sociais surgem e se desenvolvem necessidades, que não são satisfeitas por meios econômicos.

Baseados neste arrazoado metodológico, passamos a discutir o complexo condicionante da estrutura subjetiva do trabalhador, complexo dado pelas formas de organização dos processos de consumo produtivo e individual do trabalhador.

## CONDIÇÕES DE TRABALHO E BEM-ESTAR PSÍQUICO

As formas que a organização do trabalho assume, em vista da realização dos objetivos capitalistas, trazem uma série de consequências para o trabalhador.

Entre os autores que se preocupam com o estudo das influências exercidas pelas condições do trabalho sobre a saúde mental do trabalhador reina uma divergência de interpretações e conclusões.

Para Ute Volmerg, por exemplo, na sociedade capitalista as condições de trabalho industrial submeteram a estrutura subjetiva do trabalhador ao processo de produção. Lateralidade e monotonia levam a uma fragmentação da estrutura subjetiva e são uma ameaça à manutenção da identidade do indivíduo (cf. 1980 : 114).

Smith, Mackinney et alii argumentam, por outro lado, que o tipo de reação às condições de trabalho depende da própria personalidade do trabalhador (cf. 1972 : 383).

Antes de continuarmos esta discussão, parece-nos necessário deixar claro:

- 1) o que é a personalidade do trabalhador?
- 2) que fatores podem exercer influência sobre a sua estrutura psico-emocional?

Após havermos respondido estas duas questões, poderemos então elucidar a terceira:

- 3) qual o papel das condições de trabalho no complexo de influências que atuam sobre a estrutura psíquica do trabalhador?

## SOCIEDADE E PERSONALIDADE

O ser humano é uma unidade psico-física. O desenvolvimento desta unidade está na dependência do meio social vivido pelo homem. O seu desenvolvimento psíquico é também um processo social. O ser psíquico é resultado e expressão de relações sociais.

O processo de formação da personalidade é um processo de socialização, histórica e socialmente condicionado (cf. Hurrelman 1975 : 14).

O processo de socialização através do qual o indivíduo adquire valores, normas, formas de pensar e agir dominantes na sociedade é um processo que ocorre em vários níveis: o da família, o do bairro, o da escola, o do trabalho, etc.

No seio da família o indivíduo assimila normas de comportamento e aprende a distinguir os valores aceitos dos rejeitados. Na família, a socialização se dá tanto formal quanto informalmente.

Na escola, porém, o indivíduo é consciente e deliberadamente educado, com medidas, métodos e normas estabelecidos (cf. Hurrelman; ibid : 20).

Por meio da socialização, os diversos grupos aos quais o indivíduo pertence procuram integrá-lo num sistema de papéis. O indivíduo interage com o grupo; neste processo, que é de aprendizagem, o indivíduo internaliza valores e desenvolve motivos de ação que o capacitam na execução de papéis e na realização de um comportamento esperado (cf. *ibid* : 35).

### PERSONALIDADE, FILOGÊNESE E ONTOGÊNESE

O processo de socialização é vivido subjetivamente pelo indivíduo, ou seja, cada indivíduo reage individualmente ao processo de difusão e internalização dos valores sociais.

Os homens não nascem com valores e idéias, mas com certas possibilidades de desenvolvimento que estão em conjunto em sua estrutura psico-física que é, por sua vez, formada historicamente (cf. Schaff 1972 : 26). Estas possibilidades de desenvolvimento são vividas diferentemente por cada indivíduo. Os indivíduos são, portanto, individualmente distintos, apesar de poderem até experimentar um mesmo processo de socialização. O potencial de comportamento é condicionado também endogenamente.

Como resultado da filogênese, a estrutura psíquica do homem possui caracteres imutáveis, comuns a qualquer homem em qualquer sociedade, apesar desta estrutura depender de condições históricas concretas (cf. Schaff 1972 : 35). Contudo, cada indivíduo é singular, não repetido, e reage de acordo com sua constituição psico-física singular, característica da ontogênese.

Para A. Schaff, a categoria personalidade está ligada a de individualidade, no sentido de único e singular. O homem concreto, histórico-socialmente determinado, é individual. Este indivíduo desenvolve uma personalidade "particular", que é condicionada e determinada por suas condições materiais de vida.

Marx: "O homem – tão quanto é um indivíduo particular e justamente sua particularidade o torna um indivíduo e uma criatura realmente **individual** – tão quanto ele é uma **totalidade**, a totalidade ideal, o ser subjetivo da sociedade pensada e sentida para si" (apud Schaff, *ibid.* 19, grifo do original, tradução nossa).

### INDIVÍDUO CONCRETO

O indivíduo é o particular dentro do geral, que é a sociedade. Em suas relações com o geral, o indivíduo a forma e é formado pela sociedade. O que o indivíduo é, é resultado das relações sociais mantidas na sociedade. O indivíduo é função das relações sociais. Estas, porém, não se limitam às classes. O indivíduo pertencente à classe trabalhadora está inserido em determinada camada social, participa de diversos grupos – profissionais, políticos, de lazer, etc. O papel desempenhado por estes diversos grupos na vida do indivíduo,

enfim, a estrutura da sociedade e suas subestruturas formadas pelas relações sociais dos grupos nos quais o indivíduo participa influenciam diretamente a sua estrutura psíquica. As potencialidades com as quais o indivíduo vem ao mundo, resultantes da filogênese, tornam-se realidades somente num contexto social determinado.

Embora integrantes de uma mesma classe social, os indivíduos se diferenciam em personalidades e individualidades, dadas as condições concretas que experimentam na classe a qual pertencem. Categorias profissionais distintas, que enfrentam situações distintas no mercado de trabalho e, em consequência deste, gozam de condições de reprodução diferentes, não podem oferecer aos indivíduos as mesmas condições de socialização e de formação/consolidação da personalidade. Para o indivíduo adulto, a manutenção equilibrada de sua estrutura psíquica está na dependência das condições de formação desta estrutura e da experiência com condições de trabalho condizentes com ou adversas a seu modo de pensar, sentir e ver o mundo que o cerca.

O psiquismo ou atividade mental não é, segundo afirmam alguns autores (cf. Le Ny 1967 : 122) simplesmente o produto da atividade do cérebro.

Embora seja correto afirmar que as atividades ou funções do corpo humano têm a sua base na matéria humana, parece-nos no mínimo insuficiente argumentar que “o psiquismo depende estreitamente da atividade do sistema nervoso e de seu órgão superior, o cérebro” (cf. *ibid*, 122), sem colocar em discussão que as potencialidades ou forças inatas do homem somente se desenvolvem socialmente, isto é, no interior de uma sociedade, sob influência de relações sociais múltiplas. A natureza do homem deve ser refletida sempre em relação com a sua história social.

O indivíduo humano é um complexo de equipamento genético, influências do meio social, história e estruturas sociais (cf. Friebel 1977 : 18).

A estrutura subjetiva do indivíduo — sua personalidade, é resultado das relações sociais dominantes na sociedade, principalmente as relações de produção. Estas, no entanto, como discutido acima, não atuam diretamente sobre o indivíduo, mas por meio de mediações que são as camadas sociais, as categorias profissionais, a família, os diversos grupos dos quais o indivíduo faz parte. Assim, sucessivamente, chega-se ao indivíduo concreto socialmente determinado.

Tal como A. Schaff, Sartre acha insuficiente a determinação de classe para chegarmos ao indivíduo concreto. Segundo Sartre, na determinação do indivíduo concreto torna-se necessário usar-se de mediações para se compreender “o processo que produz a pessoa e seu produto no interior de uma classe e de uma sociedade dada, num momento histórico dado” ... (1972 : 50). Os grupos nos quais toma parte, principalmente a família, exercem pressões e um papel decisivo na formação da consciência do indivíduo.

## CONDICIONAMENTO DA PERSONALIDADE DO TRABALHADOR

A socialização do trabalhador ocorre no contexto das condições de vida da classe trabalhadora. A sua socialização difere em forma e conteúdo daquela experimentada por um indivíduo da classe capitalista.

As experiências vividas pelo trabalhador antes de sua integração ao mundo do trabalho estão em estreita relação com o trabalho, na medida em que a vida privada do trabalhador e de sua família (mulher e filhos) é condicionada por sua vida laboral: a compra e venda da força-de-trabalho prende o trabalhador ao capital. As condições de vida do trabalhador são condições de vida do capital (cf. Oliveira 1983 : 63).

O salário recebido pelo trabalhador condiciona ainda as experiências que seus filhos podem adquirir antes de ingressarem no trabalho. Educação, habitação, lazer, transporte, acesso a fontes de informação e de cultura geral, etc., estão na dependência do montante do salário. Deste modo, a socialização da fase anterior ao trabalho e a extra-trabalho condicionam o comportamento e a estruturação da personalidade.

A personalidade é, pois, formada por um complexo de relações que se estruturam e se manifestam ao nível do psíquico. Estas relações são social e historicamente determinadas e condicionam o pensamento, o comportamento e as atitudes do indivíduo. Como afirma Volpert: "O modo como o indivíduo vive, pensa e se comporta, depende essencialmente de sua posição numa sociedade historicamente determinada" (1979 : 23).

O lugar ocupado pela classe trabalhadora na sociedade capitalista condiciona, portanto, o complexo arcabouço de sistemas de valores, imaginações e pontos de vista do trabalhador. Schaff: ... "as relações sociais com a ajuda da consciência social dominante, formam o indivíduo humano" (1972 : 25, tradução nossa). O complexo de relações sociais existentes na sociedade condiciona a personalidade – complexo de características mentais, espirituais, visões do mundo (Weltanschauung) do indivíduo.

O tipo de vida e de trabalho influenciam pois diretamente a personalidade ou estrutura psíquica do trabalhador. A consciência do homem é determinada pelo modo de sua existência material. Valores sociais, opiniões, posicionamentos são produtos histórico-sociais.

## CONDIÇÕES DE TRABALHO E PERSONALIDADE

Ao ingressar no trabalho, o trabalhador já tem personalidade formada. Contudo a personalidade é um processo. Como diz Schaff, é um produto da autoprodução humana (cf. 1972: 57-58). Esta autoprodução ocorre também no processo de interação social no ambiente de trabalho. Deste modo, o ambiente de trabalho imprime novos valores, visões e formas de comportamento ao trabalhador, atuando sobre sua consciência. O trabalhador não apenas so-

das pressões das relações sociais, como ele mesmo as produz. Neste amálgama de relações — de trabalho, familiares, de diversos grupos (de lazer, político, religioso, etc.), torna-se difícil a determinação exata das influências exercidas pelas condições de trabalho sobre a estrutura psíquica do trabalhador. No entanto, levanta-se o seguinte problema:

O trabalho é o exercício da força de trabalho. O indivíduo possui um potencial em energia física e mental que ele põe em movimento no processo de trabalho. A depender do tipo e das condições de trabalho, este potencial é realizado em maior ou menor grau. No trabalho industrial, as possibilidades de realização do potencial de energia mental do trabalhador são limitadas pela racionalização, ou seja, pela forma de divisão de trabalho, que separa o trabalho manual de trabalho mental; pela falta de iniciativa, decisão e controle sobre o trabalho imposta pela divisão do trabalho. Esta forma de organização do trabalho industrial determina o desenvolvimento de condições de trabalho alienantes, ou a realização, por parte da massa de trabalhadores, de trabalho que castra a sua criatividade. Desta forma, as condições de trabalho podem atuar negativamente sobre a estrutura subjetiva do trabalhador se:

- 1) as condições de formação de sua personalidade impediram a formação de uma personalidade estável;
- 2) o trabalhador possui nível de escolaridade/intelectual superior ao exigido pelo trabalho, e
- 3) o trabalhador percebe que seria capaz de realizar, em termos de qualificação, mais do que lhe é exigido;
- 4) o trabalho é intrinsecamente monótono ou adverso ao equilíbrio psíquico e atua diretamente sobre o sistema nervoso do trabalhador;
- 5) o trabalhador não possui, fora do trabalho, um ambiente onde possa recuperar-se do trabalho. “No trabalho ele está fora de si, em casa volta a si”.

No trabalho o homem transforma a natureza e a si mesmo. Sua personalidade não pode, portanto, ficar imune às condições de trabalho. Tanto sua estrutura física quanto sua estrutura psíquica são influenciadas pelo trabalho.

Condições de trabalho alienantes contribuem para a formação de uma personalidade alienada (ou deformação da personalidade).

Segundo Marx, a alienação do trabalhador se dá em três momentos. O trabalhador se aliena 1) do produto do seu trabalho, 2) da sua própria atividade de trabalho e 3) dos outros indivíduos do processo de trabalho. O trabalhador sente a atividade produtiva como algo que lhe é alheio, que não lhe pertence; sente a atividade como sofrimento, sua força como fraqueza, a própria energia física e mental, sua vida pessoal, como utilizada contra ele (cf. Marx 1974 : 156).

A alienação tanto é um processo objetivo, independente da vontade e da consciência do trabalhador, como é um processo subjetivo, referente a estados psíquicos subjetivamente experimentados pelo indivíduo (cf. Israel 1977 : 19).



Na sociedade capitalista, o trabalhador não se afirma, mas se nega no processo de trabalho. Ele pode se sentir infeliz, pois não desenvolve nenhuma energia física e mental livres, apenas arruina o seu espírito. O seu trabalho é uma violência, um trabalho imposto (cf. Marx, 1974 : 155). A reação do trabalhador às condições de trabalho está na dependência do conteúdo da socialização por ele vivida, do grau de sua autonomia diante do processo de trabalho. Sua reação dependerá de sua individualidade. Contudo, para a classe trabalhadora em geral, como resultado das condições de trabalho, o trabalhador só se sente livre em suas funções animais de comer, beber e procriar; nas suas funções humanas sente-se mais como animal. "O animalesco torna-se humano e o humano animalesco" (Marx, *ibid*, tradução nossa).

Diferenciando a atividade do homem da do animal, Marx afirma que o animal está imediatamente em unidade com sua atividade. Em contrapartida, o homem faz de sua atividade um objeto de sua vontade e de sua consciência. A sua atividade lhe é consciente, o homem não se amalgama com a atividade. O fato de ter a consciência de sua atividade diferencia a atividade do homem da do animal (cf. Marx, 1974 : 157-158).

Comparando a atividade da abelha com a de um construtor, Marx diz que, enquanto a atividade da abelha é instintiva, a do construtor é consciente: ele tem na cabeça o plano do seu trabalho (cf. Marx, 1974a, 193).

A divisão do trabalho na sociedade capitalista tende a fazer desaparecer esta diferença específica da atividade do trabalhador em relação à do animal. A divisão do trabalho em trabalho manual e intelectual rouba à massa dos trabalhadores o exercício da capacidade de planejar na mente o trabalho a ser executado e a ter o trabalho realizado como uma exteriorização do pensamento humano. O trabalho alienado realizado pela classe trabalhadora não pode ser um trabalho de autorealização; é um trabalho de castração (cf. Schneider, 1977 : 220).

Na realização de atividades extremamente repetitivas e sem conteúdo que seguem os princípios da racionalização da gerência, o trabalhador não tem chance de exteriorizar-se (cristalizar no produto seus pensamentos, seus planos em relação a ele). O produto não é a objetivação da criatividade do trabalhador, mas de sua impotência diante da organização do trabalho. A sua redução a simples força de trabalho iguala o trabalhador ao animal: ele não distingue seus movimentos do movimento da máquina, sua atividade não lhe é consciente, seu trabalho torna-se instintivo. O trabalhador perde a noção de distinção entre objeto e sujeito do trabalho.

Ute Volmerg afirma que a identidade do indivíduo é formada no processo de socialização e deve ser entendida como uma estrutura psíquica, que integra experiências de vida e de trabalho específicas (cf. 1980 : 109). A identidade ou estrutura subjetiva do indivíduo entra, porém, em contradição com (a organização do) o trabalho. Segundo Volmerg, o desmembramento das atividades produtivas e toda a constelação da organização do trabalho é inconci-

ível com a estrutura subjetiva do indivíduo. Contudo o trabalhador precisa manter sua estrutura no processo de trabalho e é necessário que ele não perca sua identidade a ponto de ser prejudicial ao processo. O solucionamento desta contradição está na sua sublimação, a perda ou manutenção da identidade do trabalhador está na dependência da dimensão assumida pelos três momentos da alienação do trabalho.

O trabalhador necessita dispor de um mínimo de autonomia ou chance de disposição do trabalho e de realização de sua qualificação para o trabalho. A estrutura subjetiva formada e consolidada nas fases primárias e secundária da socialização pode ser destruída no processo de produção, que impede chances de disposição sobre o produto, de interação social e de exercício da qualificação. O caráter monótono das tarefas repetitivas provoca uma fragmentação da estrutura subjetiva e, assim, ameaça a identidade. “A individualidade do trabalhador é destruída pelo esquema de tempo e movimento, que determina todo o seu momento. As estruturas subjetivas dos indivíduos são subsumidas impiedosamente às estruturas objetivas do processo de produção. A capacidade humana de trabalho é dividida em partes produtivas, valorizáveis e em necessidades e capacidades improdutivas, que perturbam o processo e são negativamente sancionadas” (Volmerg, *ibid* 117). Esta fragmentação do trabalho e da capacidade de trabalho do trabalhador ameaça o sentimento de identidade em sua base e a integração do eu-psíquico com o eu-corpo (*ibid* 118).

Ligado à máquina, a seus movimentos e comando, o trabalhador experimenta subjetivamente uma perda do controle emocional, da capacidade de reação e de trabalho. A realização de movimentos rápidos e repetidos impede ao trabalhador a distinção entre seus movimentos e os da máquina e, assim, a distinção entre sujeito e objeto. O trabalhador assemelha-se à abelha: realiza sua atividade como parte dela mesma. O trabalhador reduz-se à sua atividade, ou seja, o trabalhador é a atividade, em lugar de tê-la na consciência.

#### BIBLIOGRAFIA

- FRIEBEL, Harry. *Lernkapazität des Individuums – Lernmilieu der Gesellschaft* Dusseldorf, 1977.
- HURRELMANN, Klaus. *Erziehungssystem und Gesellschaft*. Rororo, Reinbeck bei Hamburg 1975.
- ISRAEL, Joachim. *Teoria de la alienacion*. Ediciones Península, Barcelona, 1977.
- LE NY, Jean-François. *Materialismo e psicologia social*. In: LENY, J.F. et alii. *Dialética e Ciências Sociais*. Zahar, Rio, 1967.

- LEFEBVRE, Henri. Zum Begriff der Erklärung in der politischen Ökonomie und in der Soziologie. In: *Beiträge zur marxistischen Erkenntnistheorie*, Alfred Schmidt (org.), Frankfurt, 1972.
- MACKINNEY, A. C. et alii. Has specialisation reduced job satisfaction? In: Shepard, J. M. (org.), *Organizational issues in industrial society*. New Jersey, 1972.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Ed. Ciências Humanas, São Paulo, 1979.
- MARX, Karl. *Ökonomisch – Philosophisch Manuskrip*. Leipzig, 1974.  
*Das Kapital*, vol. 1, Berlin, 1974a.
- OLIVEIRA, Graziela. O abandono de crianças e a criminalidade infantil no Brasil. In: *Vozes*, ano 77, vol. 77, ag. 83, n.º 6, p. 60-63.
- SARTRE, Jean-Paul. *Questão de Método*. Ed. DIFEL, S. Paulo, 1972.
- SCHAFF, Adam. *Marxismus und das menschliche Individuum*. Rororo, Reinbeck bei Hamburg, 1972.
- SCHNEIDER, Michael. *Neurose und Klassenkampf*. Rororo, Reinbeck bei Hamburg, 1977.
- TJADEN, K. H. Soziale Systeme und gesellschaftliche Totalität. In: Tjaden et alii. *Methoden der Gesellschaftsanalyse*. Frankfurt, 1973.
- VOLPERT, Walter. Der Zusammenhang von Arbeit und Persönlichkeit aus handlungspsychologischer Sicht. In: Peter Groskurth (org.) *Arbeit und Persönlichkeit; berufliche Sozialisation in der arbeitsteiligen Gesellschaft*. Rororo, Reinbeck bei Hamburg, 1979.
- VOLMERG, Ute. Zum Verhältnis von Produktion und Sozialisation am Beispiel industrieller Lohnarbeit. In: T. Leithauser ? W. Heinz (org.) *Produktion, Arbeit, Sozialisation*. Frankfurt, 1980.